

A HORTA ESCOLAR COMO EIXO ARTICULADOR DE APRENDIZAGENS DE HISTÓRIA

Luciana dos Santos Menezes¹

Resumo: O presente trabalho é um projeto de pesquisa-ação criado no âmbito do mestrado profissional de História da UFSC, a ser desenvolvido na EJA noturna em São José durante o ano letivo de 2017. Um dos objetivos é abrir um debate acerca das possibilidades do ensino de história através da experiência didática de diálogo entre Educação, História e Alimentação. O projeto prevê a implantação de hortas nas escolas que servirão de eixos-articuladores de ações de aprendizagem de História. Tal temática axiológica se desdobra em quatro sub-eixos temáticos que serão trabalhados em oficinas pontuais. São eles: Relações de Trabalho e Propriedade, Produção de Alimentos e Meio Ambiente, Indústria e Consumo e, Patrimônio Histórico. Parte-se da realidade do educando para orientar as pesquisas em direção à construção do seu conhecimento de forma mais aprofundada, sua instrumentalização enquanto aluno pesquisador, e sua autoconscientização enquanto ser social, histórico e cultural, participando de sua autoformação e da construção de sua cidadania. A partir das ações com a horta, os alunos protagonizam oficinas temáticas de pesquisa utilizando alguns temas que se desdobram dos sub-eixos, trabalhando com fontes e perguntas problemáticas. Os objetivos deste trabalho didático são, entre outros, problematizar as relações que envolvem a alimentação como ato humano histórico, contribuir para que o educando, a partir do seu cotidiano, aprenda a: perceber-se enquanto um ser histórico, consciente, a pensar temporalmente, a fazer analogias, a ler fontes históricas, pesquisar, comparar, pensar criticamente e se posicionar enquanto um indivíduo histórico, social, consciente das relações do mundo que o cerca. As ações, pesquisas e narrativas dos trabalhos dos alunos serão registrados em um caderno que podem servir como fontes para posteriores análises e trabalhos. A temática da alimentação e todas as relações que a cerca, chegam nas escolas de forma desarticulada e pouco historicizada. No entanto o alimento e o ato de alimentar-se é histórico e hoje está envolvido em uma série de relações comprometidas com a globalização e também em um contramovimento, ou seja, antiglobalização.

Palavras-chave: Hortas escolares. Ensino de História. Alimentação

INTRODUÇÃO

A alimentação é uma discussão mundial que chega nas escolas de forma fragmentada e com informações conflituosas. A alimentação (ou a falta dela) faz parte da realidade cotidiana de todos.

¹ Mestranda do programa PROFHISTÓRIA da UFSC e professora da rede pública de ensino.

Segundo relatório da FAO a fome está presente hoje no campo e nas grandes cidades. Na América Latina e Caribe existem 47 milhões de pessoas atingidas pela fome. Paralelamente a isso, 7% das crianças e 23% dos adultos sofrem com problemas como o sobrepeso, a obesidade, assim como outras doenças ligadas a má alimentação². Historicamente, o acesso ao alimento e suas formas de consumo foram sofrendo alterações até chegarmos a níveis de realidades paradoxais entre, de um lado, a morte causada pela fome e, de outro lado, o desperdício de alimentos.

Essas questões estão ligadas aos níveis de desigualdades sociais e de acesso aos conhecimentos que, por sua vez, são consequências das diferentes escalas de prioridades dada pelas políticas públicas e aos diferentes níveis de importância política que se foi (e ainda é) atribuída aos sujeitos menos privilegiados da sociedade ao longo da história.

As desigualdades de condições de trabalho e de acesso aos bens essenciais causam uma desigualdade na condição alimentar dos indivíduos. Essa condição se agrava à medida que o acesso ao conhecimento se torna cada vez mais insuficiente a ponto de interferir na liberdade de escolhas e na segurança alimentar do indivíduo.

O alimento tem sido objeto de luta de interesses de grupos de capitais, que por sua vez interferem nas decisões políticas, contribuindo negativamente para a perpetuação de uma sociedade onde ainda não há equidade de acesso aos direitos humanos básicos, nem a igualdade de condições para todos os cidadãos. A escola não pode estar alheia a esse debate que se faz importante no campo da Educação e também na História, principalmente no que tange às apropriações discursivas históricas de determinados temas. Como bem salienta Ramos (2010 p.98)

o debate envolvendo a fome e a miséria também demanda o estudo do passado para formar indivíduos críticos imunes à manipulação ideológica deste tema amplamente utilizado por políticos e outros grupos de interesse para justificar programas, diretrizes econômicas e intervenções ambientais

É nesse sentido que penso que urge tratar esses temas em sala de aula e na historiografia. Ramos, quando propõe o tema alimentação para a sala de aula, perpassa os diversos conteúdos da História, tradicionalmente trabalhados na escola, sob a ótica da

² FAO ONU PSAALC 2013. Panorama de segurança alimentar e nutricional na América Latina e Caribe, edição 2013. in <http://www.fao.org/alc/cursos/af/home/pag/21> acesso 09/04/2017

alimentação. Ele observa desde as primeiras civilizações que se desenvolveram nos vales dos rios pela necessidade do cultivo dos alimentos, passando pelo nascimento da escrita que tinha como objetivo controlar a produção, o estoque, e a distribuição de alimentos” (Idem, p.97), até a fome e o preço do pão que podem ser considerados os estopins para a eclosão da Revolução Francesa no século XVIII. Ou mesmo pensar que a ganância pelos enormes lucros advindos do comércio e da exploração do açúcar produzido no Brasil e consumido na Europa, foi um dos principais fatores responsáveis pela escravização de milhares de africanos, não podemos considerar a alimentação como um fator secundário, mas sim pouco explorado em suas relações de poder.

Nesse sentido, de que maneira o ensino de História pode ajudar os alunos a pensar a alimentação e a alimentação ser pensada historicamente? De que maneira a contribuição teórico-metodológica de ensino da História pode ajudar a refletir essas questões? E, de que maneira, a horta escolar pode articular essas questões e contribuir para o aprendizado da História e para uma formação mais consciente e autônoma dos educandos? São questões que nos levam a reflexões históricas e também nos conduzem a pensar novas práticas para a Educação.

Esse trabalho propõe discutir as possibilidades do ensino de História articulando hortas escolares e a temática da alimentação segundo a metodologia proposta mais adiante no texto.

Concordo com a assertiva de que “ O estudo da história contribui para o desenvolvimento da leitura do mundo, formação de valores e da cidadania“ (MONTEIRO, 2007. p. 12), principalmente porque acredito que aprender a ler a história é aprender a ler o mundo em sua realidade multifacetada. Possibilitar reflexões sobre a construção do presente, pode ser uma tarefa do profissional da História principalmente aquele que se encontra comprometido com a Educação. Alguns historiadores defendem que a “discussão em torno dos precedentes que conduziram à situação atual deve ser incorporada ao conteúdo básico necessário à formação da cidadania” (RAMOS, 2010, p.98). Cidadania essa, que também se constrói no âmbito escolar hoje.

Foi pensando nessas possibilidades que, acredito ser importante propor práticas de aprendizagem de História que articule atividades de pesquisas, a partir da utilização de fontes, com experimentações e debates. Pensar em pesquisas escolares a partir da realidade dos

educandos pode nos fazer pensar a história sob uma ótica mais próxima, do cotidiano, da cultura material, das diferentes culturas, das relações de trabalho, das relações sociais e das relações político-históricas que se formaram e que se apresentam em conflito de interesses dentro da nossa sociedade e do mundo. Se perceber enquanto sujeito histórico, inserido nessa rede de relações e inserido na história em seu cotidiano pode permitir a construção e a percepção de suas múltiplas identidades históricas.

A TEMÁTICA ALIMENTAÇÃO NA HISTÓRIA

Desde a Escola dos *Annales*, novos temas têm sido objetos de estudos de História. Tais investigações ampliaram o campo de pesquisa dos historiadores, o conhecimento histórico e a reflexão do alcance espectral da própria disciplina de História.

Historiadores como Jean Paul Aron e Jean Louis Flandrin, da, focaram seus trabalhos na interpretação da sociedade por meio da historicidade da temática da alimentação. Aron (1974) por exemplo, tendo a cozinha do século XIX como objeto de estudo e usando como fonte a quantidade e do tipos de alimentos oferecidos pela assistência pública (hospitais) e consumidos pela população atendida, bem como os menus de restaurantes parisienses, (local de consumo da burguesia), analisou o quadro histórico da sociedade francesa, conseguindo revelar o que ele traduz como “línguas”, como um revelador de mentalidades, um índice econômico, os gostos culinários, bem como mudanças ideológicas.

Assim como Aron, Flandrin (1996) também relaciona História e alimentação. Seu trabalho perpassa a alimentação e as relações alimentares dos europeus e suas influências étnicas desde o período da pré-história até o século XX. Segundo o autor, a alimentação é um tema “agregativo e integrador” (Idem p. 22) podendo abarcar muitas variáveis, como aspectos do pensamento, aspectos culturais e sociais.

A historiografia no Brasil também se propôs a tratar a alimentação, regional, étnica e cultural, como é o caso de Luis Câmara Cascudo (1968), Gilberto Freyre (1951), bem como análises sociológicas como nas obras de Henrique Carneiro (2003), Fábio Ramos (2010) e a de Josué de Castro (1952), esta última de grande impacto nos anos 60, onde o autor chama atenção sobre a fome e a alimentação enquanto fenômeno geopolítico.

Michel de Certeau (1994), nos apresenta as possibilidades da história do ordinário, do cotidiano, do singular e das invisibilidades: se alimentar, cozinhar. O autor se aprofunda na

abordagem histórica do cotidiano enquanto um campo epistemológico extremamente rico e plural, que por sua singularidade requer métodos ou uma metodologia diferenciada ou talvez mesmo a possibilidade uma pluralidade metodológica de pesquisa. Dialogando com Bourdieu, “as práticas alimentares estão ligadas à infância” (CERTEAU 1994 p.249). O que se come, como se come, como se prepara, como se partilha remete à própria construção do ser social, histórico e cultural.

O ato de se alimentar, de cozinhar, são historicamente cotidianos e são constituídos de memórias, que se traduzem em gestos e predileções formando o indivíduo como ele é. São também fruto de tradições e de experiências de vida que se redefinem no presente. As aulas de História podem, nesse sentido, ser o momento dessas reflexões.

Como podemos perceber, a alimentação é um tema histórico multiespectral. Aspectos culturais, políticos, sociais e históricos fazem dessa temática um eixo articulador de grande potencial para ser trabalhado na Educação principalmente se levarmos em conta as possibilidades de ações interdisciplinares. Refletindo sobre essas possibilidades acredito que a implantação e a manutenção de uma horta escolar pelos alunos articulada às pesquisas, possam contribuir e ser um fator agregador na aprendizagem.

O PENSAR HISTÓRICO POR MEIO DA APRENDIZAGEM DE LEITURA DE FONTES EM SALA DE AULA

Essa investigação-ação tem por objetivo principal propor uma ação e analisar estratégias didático-metodológicas para o ensino de História. O intuito é contribuir, através da metodologia, para que o educando se perceba enquanto ser histórico, social e cultural e construa sua própria consciência sócio-histórica-cultural e alimentar, de forma a estimular um pensamento crítico e um posicionamento diante de questões históricas que se apresentam no tempo presente em seu cotidiano, que são as amplas redes de relações que envolvem o tema da alimentação. Por meio dessas análises críticas e da prática com a horta, acredito ser possível colaborar para o empoderamento do educando na direção de sua consciência e autonomia alimentar.

Embora essa intervenção didática possa ter como ponto de partida o cotidiano alimentar dos educandos, o uso de fontes históricas se faz essencial para a compreensão das

construções narrativas, para análise de conjunturas temporais e para a problematização de um conteúdo histórico. Como bem salienta Pereira e Sefner (2008)

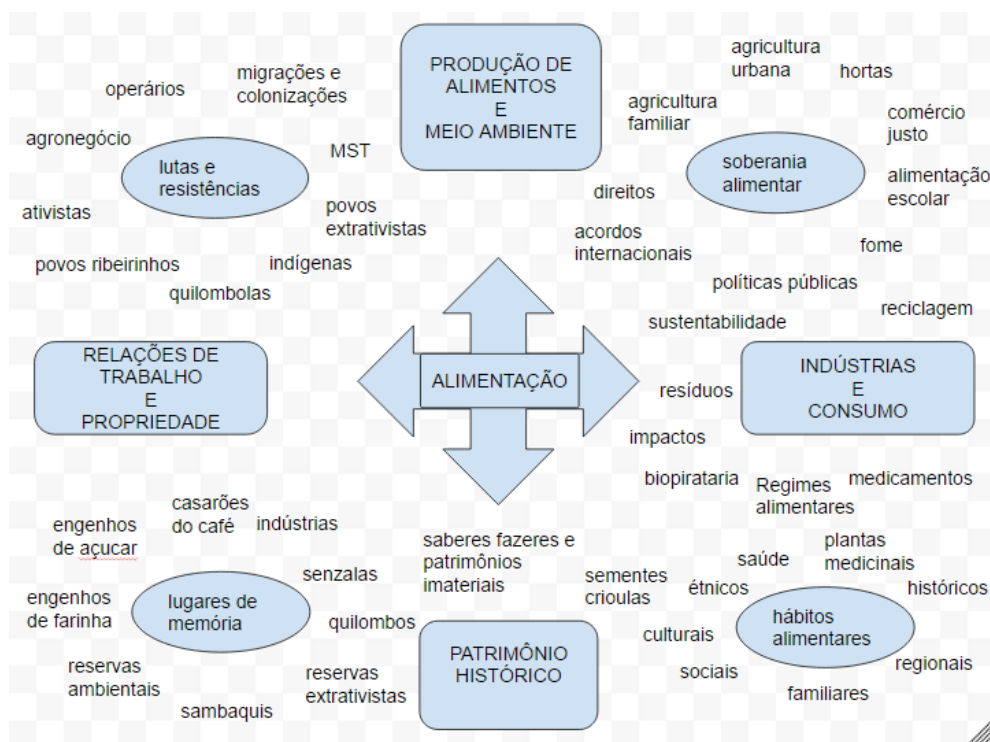
o uso de fontes históricas deve servir para suspender o caráter de prova que os documentos assumem desde a história tradicional e mostrar às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico.

As fontes históricas podem ser múltiplas: excertos historiográficos, literatura, publicidades antigas, comerciais, filmes, almanaques, etc. Cabe a cada professor eleger e definir o recorte que necessita, ou seja, o que o seu o grupo de educandos necessita para sua formação.

As leituras e comparações têm como objetivo estimular a análise crítica de discursos midiáticos históricos e atuais e perceber as construções históricas. Por exemplo, o tema da “fome” nos anos 60 e o discurso “das necessidades do agronegócio e dos O.G.M.s que chegaram com a promessa de suprir as demandas alimentares” em uma determinada época da história e defrontar o que se transformou dessa realidade com os dados da sociedade atual, com a questão ambiental, a demarcação de terras indígenas ou com os dados sobre agricultura familiar é um ato de reflexão histórica, de reflexão crítica e de construção do conhecimento. São problematizações que ajudam a perceber que a realidade está inserida em uma trama invisível de relações sócio-históricas, políticas e culturais, que inclui a alimentação.

ALIMENTAÇÃO E HORTA – EIXOS ARTICULADORES DE POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA

A metodologia prevê atividades com a horta articulada a um conjunto de aulas a serem divididas em quatro blocos de aulas temáticas: Relações de Trabalho e Propriedade, Produção de Alimentos e Meio Ambiente, Indústria e Consumo e, Patrimônio Histórico, como mostra o quadro abaixo.



O quadro acima foi pensado para apresentar as diversas possibilidades de relações possíveis de pesquisa e aprendizagens. Ele não pretende dar conta de todas as temáticas tampouco se encerra em si mesmo caracterizando um ciclo fechado. Cada subtema pode se desdobrar em múltiplas relações ampliando as possibilidades de debates e aprendizados.

As redes de relações entre os subtemas estão abertas às novas e outras necessidades que cada professor e cada aluno poderão encontrar no caminho de sua pesquisa, da reflexão para o aprendizado significativo.

Pode-se abordar questões que partem desde a questão nutricional, hábitos alimentares, consumo, tradições, doenças, as relações da produção alimentar e regimes alimentares, que, por sua vez, podem se desdobrar em diversas outras discussões sobre conceitos e práticas de consumo de alimentos funcionais, plantas medicinais, PANCs, a desnutrição, a subnutrição, a má nutrição, a saúde, os programas de alimentação, o direito à alimentação, o veganismo, se desdobrando em múltiplos aspectos de causas e consequências de nossas escolhas para nós e para outros grupos sociais.

Nessa rede de relações, muitas práticas são possíveis. Cabe ao professor e aos alunos elegerem temas de relevância e os métodos mais adequados à faixa etária, ao perfil dos alunos e aos objetivos específicos de cada recorte temático.

Nessa metodologia a implantação e manutenção da horta serve como um articulador das temáticas de pesquisa e serve também como espaço democrático fora da sala de aula onde as relações se estreitam e onde a prática pode vir a estimular novas aprendizagens. Segundo Vygotsky, a interação social entre os educandos é essencial para o aprendizado (IVIC, 2010). O conhecimento se amplia e se modifica nas relações sociais, em ouvir e observar o outro e contribuir compartilhando o conhecimento.

As atividades práticas da horta requerem participação e interação, decisão e ação. Pode se iniciar com a confecção de uma composteira, em seguida a preparação e leitura do solo, a experiência da germinação, o plantar, o cuidar, o colher, o experimentar, o trocar, e o replantar. Também pode-se incluir o cozinhar, preparar, conhecer, compartilhar. O educando aprende participando, experimentando. Se trata de uma prática pesquisada, debatida e experimentada.

Os alunos serão responsáveis pela horta e pelas pesquisas e apresentações dos aprendizados de suas temáticas ao longo do desenrolar do projeto. O professor nesse processo é um mediador e facilitador. O momento do debate ao término das pesquisas é essencial pois é quando ele se posiciona e escuta as posições dos outros, e pode então concluir seu processo de aprendizado em narrativa pessoal.

Tal processo será registrado em um caderno pessoal. Este pode servir de fontes para pesquisas posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirada nos escritos de Dewey (WESTBROOK, 2010), acredito que esta seja uma proposta que ajude a repensar algumas práticas tradicionais de ensino, aproximando a teoria da práxis e permitindo que a educação seja integrada à vida e para a vida. Para Dewey, o aprendizado é considerado em seu processo, a partir das necessidades, na busca de significados, na prática, e não uma educação teórica que prepara para o futuro.

A experiência de estarmos fazendo juntos uma ação na escola contribui para valorizar esses saberes que serão compartilhados, a integração e a cooperação recíproca. Também ajuda, de uma certa forma, a valorizar a Escola como um todo e ressignificar seus espaços.

A metodologia de articular a horta escolar, pesquisas, leitura de fontes e debates, podem contribuir para uma maior autonomia do educando enquanto aluno pesquisador, enquanto cidadão participante e construtor de sua formação. Pode contribuir para o indivíduo pensar criticamente e historicamente e, se posicionar enquanto um indivíduo histórico, social, consciente das relações do mundo que o cerca, rumo a sua autonomia alimentar e a sua liberdade de escolha.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Nilton M.; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

CASCUDO, Luis Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Global. São Paulo. 2004.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade**: uma história da alimentação. Rio de Janeiro. Elsevier. 2003

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**. V.II: Morar, Cozinhar. Petrópolis. Vozes. 2003

FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo. Liberdade. 1998

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Fundação Joaquim Nabuco. Massangana. 2010.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *Faire de l'Histoire III*. Nouveaux Objets. Paris. Gallimard. 1974

RAMOS, Fábio Pestana. Alimentação. *in* **Novos temas nas aulas de história**. Pinsky, C. (Org.). Contexto. São Paulo. 2009

WETBROOK, Robert; TEIXEIRA, Anísio. **JOHN DEWEY**. MEC.FNDE. 2010